

ENTREVISTA / JOSÉ BARAHONA, CINEASTA

'A ficção é um lugar onde podemos imaginar tudo aquilo que quisermos'



lida no documentário pautada por investigações de identidade, vide "O Manuscrito Perdido" (2010) e "Nheengatu" (2020). A arte da escuta que lapidou em sua colheita de depoimentos e registros do real foram fundamentais para que ele se lançasse na ficção com "Estive em Lisboa e Lembrei de Você", há quase dez anos, numa prosa com a literatura mineira. O flerte com os códigos ficcionais o levaram a uma incursão por veredas da recriação histórica, num novo (e belíssimo) filme que chega às telas nacionais pela Mostra de São Paulo: "Sobreviventes". Tem sessão dele no sábado, às 14h30, no Cinesystem Frei Caneca. Sua trama retrocede



José Barahona, cineasta

no Tempo até meados do século 19, quando náufragos de um navio negreiro – brancos e negros – vão parar numa ilha perdida no Oceano Atlântico. A luta pela sobrevivência (e, sobretudo, pelo poder) vai inverter os valores morais e sociais vigentes na época. O roteiro é assinado por Barahona e pelo escritor José Eduardo Agualusa. Estão em cena Alex Miranda, Anabela Moreira, Roberto Bomtempo, Paulo Azevedo (que protagonizou "Estive..." e volta em possante desempenho) e Miguel Damiano, no papel de Fradique Mendes, figura celebrada na literatura de Eça de Queiroz (1845-1900).

De que maneira a ilha onde param os náufragos servem como microcosmo (ou síntese) dos problemas de sobrevivência dos povos do Brasil, d'África e de Portugal?

José Barahona: A ilha dos náufragos é um espaço fílmico imaginário como são todos os espaços fílmicos. Existe uma metáfora evidente perto do fim do filme onde se vislumbra a utopia em que estes povos poderiam viver, tanto no passado como no presente. A ficção é um lugar onde podemos imaginar tudo aquilo que quisermos. Não temos de forma alguma de ter registos realistas, mas sim de apon-

Divulgação

tar caminhos e direções que nos parecem importantes. A liberdade é algo que todos os povos e seres humanos buscam intrinsecamente, e é isso que está presente naquele espaço fílmico.

Como se deu o trabalho com José Eduardo Agualusa?

Eu já havia tido uma aproximação ao José Eduardo Agualusa quando fiz o filme "O Manuscrito Perdido", em 2010. Ele participou no filme, que aliás todo ele é uma carta que lhe é dirigida. José Eduardo Agualusa recorreu ao personagem de Fradique Mendes, criado por Eça de Queiroz, no seu livro "Nação Crioula", personagem esse que é preponderante no filme "O Manuscrito Perdido" e que é um dos protagonistas de "Sobreviventes". Por tudo isso, pelo seu talento e habilidade - e por seu conhecimento da cultura angolana, brasileira e portuguesa -, foi natural convidá-lo para escrever esse filme comigo. Tratou-se de uma parceria a quatro mãos, em que ele escrevia uma versão, enviava-me, e eu escrevia outra versão e voltava a enviar-lhe, tendo isso acontecido várias vezes.

De que forma a tua experiência progressa com a ficção, de prosa com Luiz Ruffato, talhou seu olhar para as dinâmicas sociais do Brasil?

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Português de berço, brasileiro de convívio, formado em parte na Escuela Internacional de Cine y Televisión de San Antonio de los Baños, em Cuba, e parte na New York Film Academy, José Barahona tem uma carreira só-

O QUE ASSISTIR NESTA TERÇA NA MOSTRA DE SP

POR RODRIGO FONSECA

A VIDA É UMA CADELA ("Chiennes de Vies"), de Xavier Seron (Bélgica): Achado do festival argentino Bafici 2024, apoiada no desempenho de Jean-Jacques Rausin. O solitário Tom tenta agradar Cécile (Mara Taquin), aceitando acolher o chihuahua de seu falecido vizinho. O problema é que o animalzinho, aparentemente inofensivo, pode ter levado o antigo dono ao suicídio — e agora quer matar o novo tutor. Onde: Cinemateca de São Paulo, 15h



MALU, de Pedro Freire (Brasil): O ganhador do troféu Redentor de Melhor Filme no Festival do Rio (em empate com "Baby"). No roteiro de Freire, uma atriz de passado glorioso (Yara de Novaes) se vê presa num caos sentimental. A relação com sua mãe conservadora (Juliana Carneiro da Cunha) e sua filha adulta (Carol Duarte) torna sua crise ainda mais aguda. A atuação do trio é arrebatadora. Onde: Cinesystem Frei Caneca, 15h15



MARIA CALLAS, de Pablo Larraín (EUA e Alemanha): Depois de "Jackie" (2016), com Natalie Portman vivendo Jacqueline Kennedy, e "Spencer" (2021), com Kristen Stewart no papel de Lady Di, o diretor chileno utiliza todo o talento de Angelina Jolie para reviver os momentos finais da maior cantora de ópera do mundo, Maria Callas (1923-1977). Onde: Cinesystem Frei Caneca, 17h10



Fotos/Divulgação